

...lateua

30

Ribeirinhos e Ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural

Pará





Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba – MORIVA

Presidente Divino Rogério Cardoso Silva

Vice-Coordenador Leonildo Ferreira da Silva

Tesoureiro Manoel dos Santos Azevedo Filho

Vice-Tesoureiro Raimundo Nonato Silva

Secretario Maria Antonia Pinheiro Rodrigues

Vice-Secretaria José Maria Vasconcelos Ferreira

Conselho do Assentamento Agroextrativista, Várzea, Quilombolas e Grupos Afins das Ilhas de Várzea de Abaetetuba – CAGROQUIVAIA

Presidente Domingos Trindade – Assopra

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(NSCA / CESTU-UEA, PPGAS-UFAM, CNPq)

Equipe de pesquisa

Lilian Carolina de Araújo Santana (IAGUA)
Marcos Vinicius da Costa Lima (PPGEO/UFPA)
Solange M^a Gayoso da Costa (PDTU/NAEA/UFPA)

Colaboração

Romildes Assunção Teles – Ro (CPT)
Domingos Trindade – Assopra (CAGROQUIVAIA)

Edição

Solange Maria Gayoso da Costa (PDTU/NAEA/UFPA)

Cartografia e mapa

Marcos Vinicius da Costa Lima (PPGEO/UFPA)

Fotografias

Marcos Vinicius da Costa Lima (PPGEO/UFPA)
Solange Maria Gayoso da Costa (PDTU/NAEA/UFPA)

Projeto gráfico e editoração

Ernandes Fernandes / CASA 8 PROJETOS

Este fascículo foi produto das oficinas do PNCSA realizadas no Município de Abaetetuba nos dias 19 de abril, 10 de maio e 18 de outubro do ano de 2008 e 14 de fevereiro do ano de 2009.

Construíram este fascículo: Aivaldo Gonçalves Barbosa, Ailton Sena Pinheiro, Airtton Costa Correa, Amilton Lobato Corrêa, Ângela Maria Nascimento dos Anjos, Antonio Dias da Costa, André Vilhena, Benedito L. dos Santos, Avelino Dias de Souza, Alzerita de S. Souza, Carlos Alberto Pereira, Benediel G. Ferreira, Carlos da Costa Brabo, Clarice Cavalheiro, Daide Machado Ferreira, Daniel Gonçalves Reis, Dilson dos Santos Pereira, Dineia Vilhena da Silva, Divino Rogério Cardoso Silva, Domingos Trindade F. Pereira, Domingos Maues de Brito, Ednei Amaral, Edmil Machado Rocha, Edson Rodrigues Gomes, Elviro Lobato Ferreira, Fábio Gomes, Francisco Baia Xavier, Ivaneide Lobato da Silva, Isaias Maia Rodrigues, Jaércio Rony dos Anjos da Silva, João Antônio S. Ferreira, João Batista Costa de Lima, João Batista Marques Cardoso, Joercio Rony dos Anjos Silva, José Atamázio Correa, José Domingos, José Maria da Conceição Bailão, José Maria dos Santos Pereira, Joselene de Sousa Pereira, Juliana Cláudia S. de Souza, Juarez Silva Pinheiro, Júlia do Anjos Silva, Jucelino Cardoso Corrêa, Jurandir Ferreira, Laudiano Cardoso Sardinha, Leonildo F. da Silva, Lucivaldo Marques, Manoel de Jesus Rodrigues Cunha, Manoel dos Santos Azevedo Filho, Manoel Rodrigues Serrão, Manuel Raimundo, Manuel da Silva Amaral, Manoel Nazareno Costa Pereira, Manuel da Silva Santos, Maria Arcângela da C. Cardoso, Maria Ana F. Ferreira, Maria Antonia Rodrigues Dias, Maria Cristina Pereira, Maria da Conceição M. Moraes, Maria Odélia Corrêa, Maria da Paz Ribeiro Pereira, Maria de Jesus da C. Ferreira, Maria Izabel Silva Ferreira, Maria de Nazaré Moraes Corrêa, Maria do Espírito Santo C. Rodrigues, Maria Deuzarina Rodrigues, Maria do Carmo Pantoja, Maria do Livramento F. Corrêa, Maria Francisca R. Corrêa, Maria Raimunda Lobato, Maria Silvana Ribeiro Macedo, Maria Santana Vasconcelos, Maria Santana Ferreira, Maria da Silva Amaral, Maria do Socorro Vilhena, Márcia Santos Ribeiro, Marinalda Cardoso Maués, Marinaldo Cardoso da Costa, Marlene Cardoso Amaral, Mesias do Socorro N. pereira, Miguel Mendes Ferreira, Natanael Ribeiro da Silva, Nilma Rodrigues Negrão, Orivaldo Gomes de Miranda, Pedrinho Costa Ribeiro, Pedro do Socorro Quaresma Silva, Raimunda de Jesus Amaral Baía, Raimundo Laureço Moraes Ferreira, Raimundo Nonato Silva, Raimundo Rosa Dias Neto, Raimundo Tocantins, Raimundo Clemente F. Pereira, Reginaldo Lobato Gonçalves, Reinaldo Santos Cardoso, Roberto Gonçalves Cardoso, Romildes Assunção Teles, Ronildo Quaresma Cardoso, Roberto Gonçalves Cardoso, Rosenilda do Socorro dos Santos, Roseane Barreto Pereira, Roseane do Socorro, Rosinete do Socorro B. Nogueira, Selmarina Rodrigues Ferreira, Sirineu da Silva Amaral, Valde Rodrigues da Silva, Valdivino Gonçalves Santos.

N935 Nova cartografia social da Amazônia: ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural / Alfredo Wagner Berno de Almeida (Coord) ; autores, Lilian Carolina de Araújo Santana, Marcus Vinicius da Costa Lima, Solange Maria Gayoso da Costa. – Manaus, Amazonas : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2009.

12 p. : il. ; 25 cm. (Movimentos Sociais Identidade Coletiva e Conflitos; 30).
ISBN 978-7883-056-4

1. Comunidade de Ribeirinhos – Abaetetuba (PA) I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Santana, Lilian Carolina de Araújo. III. Lima, Marcus Vinicio da Costa. IV. Costa, Solange Maria Gayoso da. V. Série.

CDU 301.185.2(811.51)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529



Casa de ribeirão (a)

Ser ribeirão e ribeirinha

“Ribeirão é a família que nasceu e mora na beira do rio, por isso nós chamamos de ribeirão, porque os pais dele já moravam naquela beira, ele nasceu e se criou hoje tem a família e mora sempre na beira do rio, e como de mora na beira do rio nós chamamos de ribeirão”. **Domingos Trindade** – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008.

“Ribeirão pra mim é quem está na margem dos rios é quem vive da pesca, da lavoura, é quem trabalha com essa espécie de peixe, extrativismo vegetal e animal. Ribeirão é quem anda de canoa, de barco...”. **Divino Rogério**, presidente do MORIVA, maio, 2008

Ser comunidade

“A comunidade é onde a gente reúne todas as famílias atrás de um objetivo comum, tanto cristão como para sociedade e aceitando a comunidade. Quer dizer, não se refere a cor, a sexo, a credo religioso. A gente envolve todo mundo no mesmo projeto e isso nós entendemos como comunidade, já não define de religião, a gente engloba toda comunidade, os moradores daquela ilha, daquela região, daquela localidade ali”. **Francisco**, MORIVA, outubro, 2008

A organização do movimento

“Nós formamos um fórum de várias entidades, companheiros da CPT, companheiros da Cáritas, MST e do IAN, pra gente lutar pela legalização das terras de marinha e lutando pela legalização das terras de marinhas nós fomos bater no INCRA. Aí o INCRA disse que não legalizava terras de marinha porque não era deles, era da UNIÃO, aí nós perguntamos com quem é então que a gente vai, qual é a autoridade, qual é o órgão – é GRPU que tem em Belém do Pará – Gerência Regional do Patrimônio da União, nós fomos na GRPU. Chegou na GRPU, o pessoal disseram prá nós que não é aqui o lugar de vocês, é só na SPU. O que é SPU? É Secretaria Nacional do Patrimônio da União em Brasília e nós numa base 3 anos de luta chegamos a ir até Brasília e isso nós trabalhava na base organizando a

base pra lutar, porque nós criamos também uma consciência de que não queríamos só a legalização da terra, mas nós queríamos a possibilidade de viver na terra. Então nós viajamos para Brasília e em 2003 nós conseguimos a primeira das duas ilhas a serem liberada pra ser implantada o projeto de assentamento que foi na Ilha do Campompema e a Ilha do Tabatinga e nós começamos o trabalho nessas duas ilhas. Daí fomos levando para outras e quando foi em 2005 nós fizemos um congresso de todas as ilhas que já tinha associação porque no começo nós tínhamos uma orientação de uma só associação administrar todo o projeto de Assentamento Agroextrativista, depois nós fomos orientados por alguém do INCRA que não era bom pra nós porque se essa associação entrasse em inadimplência aí, todo o projeto ficaria prejudicado, então qual seria o parecer, de cada ilha ter uma associação porque se aquela ilha tivesse alguma dificuldade de prestação de trabalho público que venha prejudicar o trabalho daquela ilha, mas as outras continuam né! Então, foi por isso o fato de nós termos várias ilhas e várias associações. É por causa da dificuldade de se houver numa ilha não prejudica o trabalho da outra ilha. Então, dessa ilha e dessa associação nós tivemos um grande congresso (novembro de 2005) e desse congresso foi criado o MORIVA – MOVIMENTO DE RIBEIRINO E RIBEIRINHAS E DAS ILHAS DE VÁRZEA DE ABAETETUBA. Nós criamos o movimento dos ribeirinhos, depois com o movimento dos ribeirinhos precisava ter alguma coisa pra trabalhar, alguma coisa concreta. Aí o que nós vimos que era necessário criar o conselho legalizado jurídico, pra gente poder ter o patrimônio no nome do Conselho, no caso a pessoa jurídica – Conselho do Assentamento Agroextrativista, Várzea, Quilombolas e Grupos Afins das Ilhas de Várzea de Abaetetuba – CAGROQUIVAIA”.

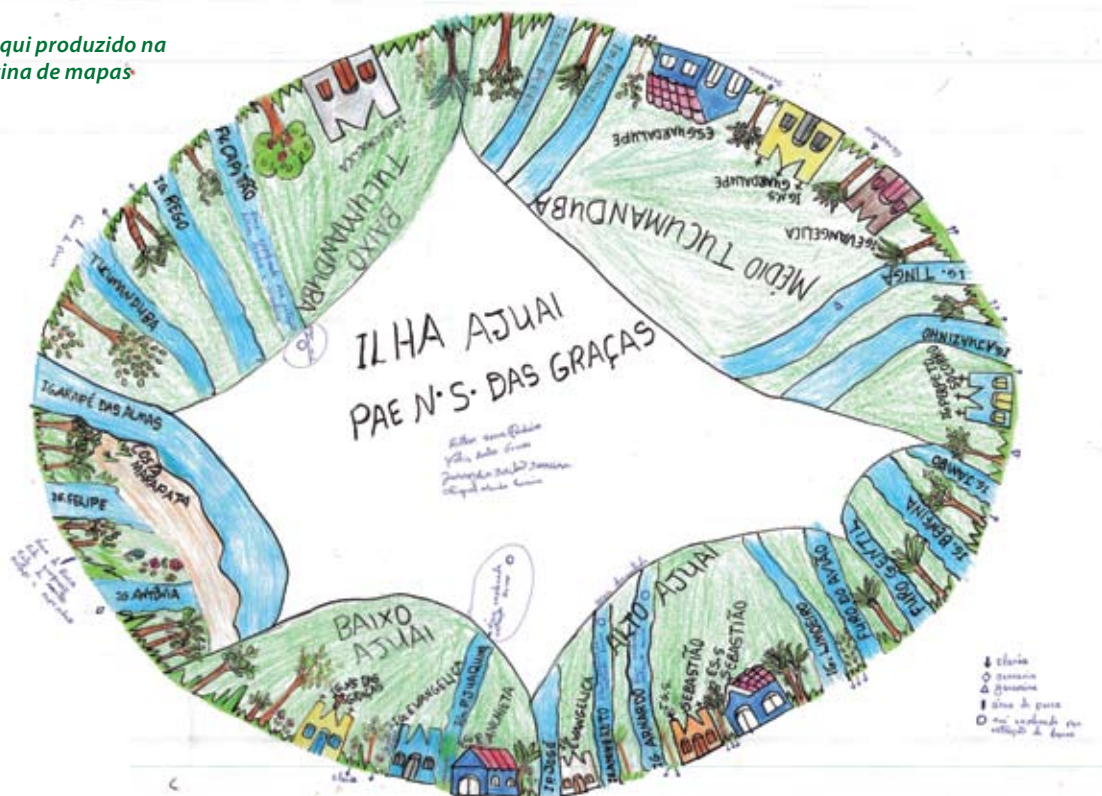
Domingos Trindade – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008

Estrutura de funcionamento do Moriva

“É estrutura de uma associação normal. É presidente, secretário, tesoureiros depois têm os três vices, depois tem o conselho fiscal e os suplentes do conselho fiscal, um conselho com 12 membros”.

Domingos Trindade – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008

Croqui produzido na oficina de mapas



Associações vinculadas ao movimento

“O Conselho rege 20 associações, nós temos 15 nas ilhas de Abaetetuba no Projeto de Assentamento Agroextrativista, Área de Várzea e 02 Áreas Quilombolas. Então, dá um conjunto de 20 associações. O nosso Projeto de Assentamento Agroextrativista ele levou o nome de PAE. Então nós temos Associação PAE São João Batista do Campompema, nós temos Associação Nossa Senhora do Livramento da Ilha Tabatinga, nós temos PAE Santo Antônio da Ilha Capim, temos o PAE Santo Antônio II da Ilha Palmar, nas temos o PAE Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da Ilha Quianduba, nós temos o PAE Nossa Senhora de Nazaré da Ilha Nazaré, nós temos o PAE São João Batista II do Guajarazinho, nós temos PAE Nossa Senhora da Paz da Ilha Arumanduba, nós temos Ilha Caripetuba, que é outro Projeto de Assentamento, PAE São Raimundo da Ilha Sapucajuba, PAE São Francisco de Assis da Ilha do Rio da Prata, e temos a EPAENVA I e EPAENVA II da Área de Várzea e temos 02 Associações Quilombolas que é do Ripo Açacú e Igarapé Vilar”. **Domingos Trindade** – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008



Oficina PNCSA / Abaetetuba – 14.02.09

Porque o fascículo?

“Teve um encontro onde as políticas foram discutidas. Quando a cartografia vem discutir na base, isso é importante. As vezes na universidade vai se formar para elaborar um mapa, mas sem conhecimento. Quando saí um fascículo ele pode aprender o fascículo que cada um vê de maneira diferente as suas dificuldades”. **Raimundo Rosa**, ribeirinho, fevereiro, 2009

Festas religiosas

“A festa religiosa aqui é uma tradição do nosso povo, é acho que vindo daquelas pessoas que vieram para o Brasil, os negros da África e várias outras populações e aí veio à tradição religiosa, e aí aqui o pessoal fazia muita novena de Santo, né! Novena se chama nove noites de reza, então no fim daquela novena tradicionalmente, acontecia à festa, a festa aí com dança, aí os mordomos que faziam a noite não pagavam a sociedade, a gente pagava, comia tudo de graça, porque era sócio da festa. O mês mariano é o mês todo de festa porque é o mês de Maria até hoje ainda existe, tem casa que ainda faz a festa do mês mariano. Outra tradição religiosa que tinha que conheci foi que o pessoal esmolavam nas casas. Ia uma equipe de foliões levava a imagem do santo às casas e a gente dava o que queria: dinheiro, dava galinha, dava ovos, e quando aquele santo chegava à casa da gente, a mãe da gente, o pai levava a gente lá pro quarto, colocava a imagem do santo na cabeça do pé da gente, fazia as preces, rezava, pessoal cantava folia na casa da gente e quando eles queriam embora, batiam tambor e sabia que tinha que ir embora, desenvolvia o santo, a gente dava o que a gente pudesse dar eles iam embora”. **Domingos Trindade** – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008

“Na ilha Campompema temos a festa de São João Batista. Temos outras festas secundárias: São Benedito, São Pedro, agora no mês de maio a gente faz o mês mariano, vai sair pelas ilhas, fazemos as celebrações pelas vilas”. **Raimundo Nonato**, MORIVA, maio, 2008

RIBEIRINHOS E RIBEIRINHAS DE ABAETETUBA E SUA DIVERSIDADE CULTURAL





Legendas

Local das Oficinas:

- Centro de Convenções e Restaurante Panacaíria

Locais de Referência:

- Sede do MORIVA
- Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais
- Colônia dos Pescadores Z-14
- Comunidades Quilombolas
- Igreja católica
- Igreja evangélica
- Sede de clubes
- Escola
- Posto de Saúde
- Engenho
- Barracão do Santo Padroeiro
- Reza tradicional de ladainhas
- Vilas
- Campo de futebol
- Nascente

Trabalho: Processos Produtivos

- Cachoeira do Rio Abaeté
- Cemitério público
- Extrativismo de Açai
- Extrativismo de Miriti (do fruto buriti e a tala)
- Extrativismo do Jupati (palmeira)
- Plantas Ornamentais e Medicinalis
- Estaleiro (barcos, rabelas e canoas)
- Olarías
- Pesca
- Pesca com Pari
- Pesca de Camarão
- Serraria
- Artesanato

Carvoaria

- Produção de Matapi
- Rocha
- Casa da Farinha
- Fabricação do Pari
- Oficina Mecânica
- Desmatamento
- Polição do Matadouro
- Polição Industrial
- Complexo Albrás-Alunorte
- Matadouro
- Produção de Carvão
- Extração Mineral(areia, argila, pedra)
- Erosão
- Conflitos de Terra

Convenções Cartográficas

- Estrada Pavimentada
- Hidrografia
- Área urbana
- Município de Abaetetuba
- Projeto de Assentamento Agroextrativista(PAE)

Conflitos Sócio - Ambientais:

- Desmatamento
- Polição do Matadouro
- Polição Industrial
- Complexo Albrás-Alunorte
- Matadouro
- Produção de Carvão
- Extração Mineral(areia, argila, pedra)
- Erosão
- Conflitos de Terra

PNC-SA PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

Mapa Situacional
Mato, 2009

Equipe de Elaboração:

Marcos Vinicius da Costa Lima (PPGEO/UFGA)
Solange Mª Gayoso da Costa (PDTU/NAEA/UFGA)

Cartografia:

Marcos Vinicius da Costa Lima (PPGEO/UFGA)

Fontes:

Mapa dos PAE's, INCRA, 2006
Base vetorizada, SIPAM, 2007
PNC-SA - Série Crianças e Adolescentes,
Fascículo nº1, 2008
Oficinas de elaboração de cartografia com
Líderanças do MORIVA, Ago/2008 - Fev/2009

Sistema de Coordenadas Geográficas UTM
Datum Horizontal: SAD 69

Trabalho: Processos produtivos

As atividades desenvolvidas pelos ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba são aquelas relacionadas ao extrativismo, a pesca, ao artesanato, ao cultivo de plantas medicinais e ornamentais, pequena criação de animais, a roça e a produção de rabetas (tipo de transporte feito em madeira, sem cobertura, com motor), canoas e cascos a remo e embarcações de madeira (barcos e canoas a motor) típicas da Amazônia.

“Aqui na Ilha Nazaré Costa o açaí que é muito cultivado na ilha toda, a maior fonte de renda é o açaí. Além do açaí tem a pesca: o camarão, o peixe, pescado com espinhel, rede, tem também gente que pesca com a linha de mão, caniço, tem miriti, muito utilizado também pra fazer o paneiro. Serve pra muita coisa também o miriti aqui na Ilha Nazaré, na ilha toda também”. Ana, MORIVA, maio, 2008

“Estaleiro é onde fazem as embarcações. E também se torna uma escola de profissionalização, aqui a uns 30 anos atrás quando fizemos a igreja do padroeiro, nós já formamos várias pessoas de pedreiro, hoje são pedreiros especialista, assim hoje carpinteiro e acho que hoje tem mais de 50 e 60 carpinteiros que trabalha com construção de casa, com embarcações e hoje nesses 3 estaleiros, que fazem as embarcações, os meninos aprendem a pintar, calafetar, mexer com o motor. Aprendem a construir as embarcações e ta se formando um meio de profissionalização muito grande porque também tem mercado para esse tipo de produto”. Domingos Trindade – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008

“O povo sobrevive do extrativismo, do açaí, da pesca, da manga, da planta pra levar a Belém. É medicinal, leve pra lá pra vender, vai a babosa, arruda, catinga, pruma, aí fora outra bagulhada, que é empenca, orelha de macaco, outras plantinhas que dá o nome que basicamente é isso. Mas as plantas de valor são essas. E também a baba rosa é uma planta fina e não pode pegar sol, tem que ter muito cuidado com ela. Isso é o meio de sobrevivência disso”. Liel, MORIVA, maio 2008

Trabalho e questão de gênero

“Nas plantas quem cuida é a mulher. A maior parte quem cuida é a mulher e os maridos saem para cuidar do extrativismo, açaí, da manga, da pesca e outros frutos. Quem leva os produtos pra venda? Sempre são os maridos, às vezes as mulheres tem a parceria que quando não dá para os maridos irem elas fazem a venda lá entendeu. Tem umas que ficam acanhadas, mas outras não fazem a venda lá como dizem são despachadas. A gente tem o exemplo de casa, tem uma comadre lá que tem umas 15 tendas e só trabalha com isso, e o meio de sobrevivência deles é a planta e a pesca”. Liel, MORIVA, maio, 2008

Conflitos sócio-ambientais

Poluição industrial

“Aquele meio ambiente sadio que a gente vivia, aquela água potável que a gente tomava, aquela mata sadia que a gente respirava, hoje está tudo poluído. Quando não totalmente, mas 50%, 80% ... Quem polui são as grandes empresas, né! Aqui tem Albrás e Alunorte que produz o alumínio, e nos dizem o seguinte: que os navios são todos lavados aqui na nossa baía e os dejetos dessas fábricas também são depositados em tanques que de vez em quando são rompidos pela chuva e essa água polida vem tudo para os nossos rios. Outra coisa, a Hidrelétrica de Tucuruí “tapou” o Rio Tocantins e aí houve uma grande diferença também, tem muitos maquinários que poluem também os nossos rios, e assim vem, a poluição de outras atividades também que vem poluindo o nosso ar e a gente tem tido dificuldade (...)”. Domingos Trindade – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008

"Eu gostaria de falar um pouco sobre essa poluição do Conde que é no tempo que me criei, eu nasci na beira do rio, de uma praia (...) lá sempre a gente plantou muito coco e o coco nascia saudável, a casca bem verdinha, bonitinho. Agora com uns 10 anos pra cá, já começou a dar uns cocos com a casca praticamente queimada, então a gente acha que isso não consegue crescer, ficar adulto. Com certeza a poluição do Conde tá prejudicando as plantações, não só o coco, o açaí que gera na fase do amadurecimento cai quase a metade e fica alguns caroços no cacho e a gente acusa que seja a poluição das indústrias da Alunorte. Dá muita micose, coceira nas pessoas inclusive. Eu pesco, pesco bastante. Eu tirei a minha rede do casco agora e vim pra cá, você fica aí na região da Vila de Beja, você fora assim 6:30, 7:30 da manhã e você sente, você pressente no seu corpo que está caindo assim uma, parece uma neblina que deu hoje de manhã mas não é neblina, aquele parece um pozinho, você passa o dedo assim e você analisa que fica meio vermelhinho, eu digo porque geralmente eu meto rede aí eu já vi essa situação, né! Então, não existia e hoje existe então a gente tem um queixume sim. Francisco, MORIVA, maio, 2008

"(...) problema maior tá aqui no Projeto Albrás Alunorte onde a gente se queixa que o nosso açaí tá lá secando e de antemão nós pensávamos que era devido o desmatamento naquela área que deixaram só a árvore de açaí. Mas nós fomos vê que na mata, que ainda é mata nativa, até mesmo na mata o açaí tá secando Então a gente suspeita que é a chaminé da Albrás e essa chaminé da Albrás, ela joga de acordo com o vento, ela joga pra cá pra cima dessas ilhas ou em hora que esse vento distorce ela joga para as ilhas do Capim, Caripetuba, Xingu, essa região toda aí, também lá tá tendo problema (...)" Manoel da Silva Amaral, MORIVA, maio 2008

Extinção dos peixes

"O pescado tá acabando pra nós. Você sai 6 da manhã, chega 12 horas dá 2, 3 a 4 kg de peixe, ontem eu fui duas vezes na baía e peguei 4,5 kg de peixe. Outros anos atrás, você saía 1 hora, 2 horas e você pegava 15 a 20 kg de peixe, corria para Abaetetuba para vender. E hoje como está? O camarão, tem um cara de 30 anos de matapi, sabe ele joga e fala ainda não peguei mais de 4 kg. Essa é uma situação que deixa a gente, o que a gente faz hoje, tem o defeso, né! Outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro a gente cai pro mato roçar para preparar o açazal, com uns tempos vem o açaí e começa a secar o açaí e cai o bagulho bem miudinho assim, já tão caindo da árvore, da onde é que vem. Antigamente a gente tirava o açaí bem pretinho, tuíra da árvore e hoje já não cai. Então, a gente sente essa dificuldade, esse queixume é muito grande pra nós lá". Francisco, MORIVA, maio 2008



*Oficina PNCSA / Abaetetuba – 14.02.09
construindo o mapa*



*Oficina PNCSA / Abaetetuba – 18.10.08
construindo o mapa.*



Oficina PNCSA / Abaetetuba – 18.10.08, construindo o mapa

“Outra coisa que a gente quer falar também é sobre a pesca que a gente tá fazendo umas reuniões sobre a pesca porque tá tendo muito fracasso na pesca, tem qualidade de peixe que nem tem mais na pesca. Tem marca de peixe que nem tá mais existindo. Têm muitos peixes como o tucunaré, já não existe quase, o aracu, e a sarda que puxavam e vinham muito, também é a mesma coisa. A maior devastação agora é a malha fina, a rede é 0,25 que tá acabando com tudo. Eu tava um dia desses com o comerciante e chegou lá e disse que a rede boa de puxar peixe é a 0,25 e que botou e pegou de malha em malha o peixe. E eu disse assim: olha! Agora tu pegas mais, mas tarde os teus filhos não vão pegar porque tá pegando tudo miúdo”.
Messias, MORIVA, maio, 2008

Extração mineral

“Quem tira as pedras são os exploradores, na verdade eles iam a noite buscar pedras e tiravam as pedras, ninguém, moradores achavam natural. Das orientações, da conscientização do povo ele começou a não permitir. Eles tiravam barcos e barcos cheios de pedras e pra vender aqui também, é uma forma de comércio. Hoje ela existe pouca força, mas ela existe”.
Divino Rogério, presidente do MORIVA, maio, 2008

Desmatamento

“Continua o desmatamento sobre o rio Cariá, que pertence ao deslocamento de São José, que é uma comunidade que é o desmatamento muito grande e isso traz tumulto até mesmo para os trabalhadores que sobrevivem do barro e das olarias e agente mesmo que tá trabalhando com o barro a gente tá sentindo uma grande dificuldade que tá acabando. Esse desmatamento tá acabando e a gente tá ficando preocupado, que sobrevivem muitas famílias lá na localidade”.
Messias, MORIVA, maio, 2008

Conflitos de terra e falta de segurança

Conflito de terras

“Conflito por causa de terreno, área de terra. Por exemplo, o assentado que está no projeto, a gente vai implantar para ele uma casa do projeto em uma área de um cidadão que talvez não esteja morando na ilha, que é aqui de Abaetetuba; aí ele vai e não quer que essa casa seja implantada e aqui ele já deu pra esse cidadão trabalhar, uma área, fazer o plantio, né! Ter a produção dele e quando a casa chega para ser implantado aqui, ele bate de frente e diz que não quer. Então, isso gera conflito”.
Raimundo Rosa, MORIVA, maio 2008

"No Piquiarana Sul que temos um tipo de conflito de terra, moram pra Abaeté e deixaram o caseiro e agora para fazer a casa do projeto eles não deixam, aí tá tendo um conflitozinho lá". **Maria do Socorro**, MORIVA, maio, 2008

"E o conflito de terra, também está aparecendo na nossa ilha, nas duas áreas, a área Rio e a área Costa Sirituba, onde tem dois conflitos". **Elviro**, MORIVA, maio, 2008

Pirataria – falta de segurança

"É um problema sem solução porque uma vez assaltaram em casa. Esses caras moram na ilha alguns dos membros a gente sabe, e foram em casa, me roubaram e descobri aonde tava o bagulho todo, fui na delegacia dar queixa e simplesmente o delegado disse: eu simplesmente não posso fazer nada porque não tenho homens pra mandar lá com você. Aí, eu disse pra ele: aonde tá meu bagulho e eu vou perder. Não se você tiver coragem de ir lá e buscar. Eu disse: então me autorize lá que eu vou lá então. Então tá autorizado. Ribeirinho, MORIVA, maio 2008

Principais reivindicações

"Nós estamos lutando pelos nossos direitos sociais porque nós que moramos nessa área ribeirinha em toda essa Amazônia que tem o Estado do Pará, a gente sempre viveu dos nossos recursos naturais, quer dizer o extrativismo. O forte da nossa vida, dos nossos antepassados foi sempre a caça, a pesca e a coleta de frutos. Então, pra nós nunca teve assim forte a educação, saúde, limpeza de rua, porque não é rua, é rio, e habitação vários outros direitos sociais. Então, hoje com a nossa luta, com o nosso trabalho, com os nossos estudos nós descobrimos que nós somos brasileiros como qualquer outro brasileiro, nós pagamos impostos como qualquer outro paga, nós produz pra esse país, então nós temos também cumprimos deveres e queremos os nossos direitos, é habitação, é direito pra nós produzir, porque hoje o nosso recurso natural não está dando para sobreviver com o aumento da população, entraram também às grandes empresas, o agronegócio e aí os nossos recursos naturais vão se esgotando e a população vai se aumentando, quer dizer hoje não dá pra gente viver só dos recursos naturais sem nenhuma participação do governo na nossa vida social, então nós estamos se organizando como ribeirinho em busca desse nosso direito social através do governo pra nós viver hoje. (...)". **Domingos Trindade** – Assopra, presidente do CAGROQUIVAIA, maio, 2008

CONTATOS

MORIVA – Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba
Rua Padre Luiz Varela 1460
68440-000 Abaetetuba Pará
telefone 91. 3751-5270

CPT – Comissão Pastoral da Terra Região Guajarina
BR 316 km 6 –
Santuário da Terra e da Água
Complexo Sagrada Família
67030-970 Ananindeua Pará
telefone 91. 3255-6000
cptguaja@amazon.com.br

IAGUA – Instituto Amazônico de Planejamento, Gestão Urbana e Ambiental
Trav. Dr. Éneas Pinheiro 2394
Bairro do Marco
66095-550 Abaetetuba Pará
telefone 91. 3276-8900
iagua@oi.com.br

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade

Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açu, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém – Pará
- 30 Ribeirinhos e Ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará

REALIZAÇÃO



APOIO

